



O ÚLTIMO RASTO DE UM GRANDE PROJECTO

A MEMÓRIA



A edição da obra *os Tempos do Cabo Submarino* é o último memorial erguido ao longo dos 15 anos que durou este projecto único na história da AAALH. A sua causa era grande. Atravessara o mundo projectando novos horizontes para os Açores.

Desde a noite de 10 de Agosto de 2009, na Sociedade Amor da Pátria, a convite da AAALH, através da Universidade Sénior do Faial e apesar dos atrativos da Semana do Mar, a decorrer, mesmo assim, uma centena de *interessados* marcaram presença. E não só. Trouxeram entusiasmo. Porque se falaria de memórias de um tempo notável da história do Faial. Havia já um início de movimento num Grupo *Ad Hoc* de antigos cabotelegrafistas. José Duarte da Silveira (da Commercial Cable) e Carlos Silveira (da Western Union) iam *explicar* a ideia que daria futuro a esse passado. Previam-se resistências devido à distância de 40 anos desde o fim desse tempo, de importância económica do Faial no Atlântico e de importância social da cidade da Horta nos Açores.

Os participantes sentiram-se *comprometidos* com essas recordações e apoiaram o movimento que dava os primeiros passos com muitas ideias. Surpreenderam com a confiança no futuro do projecto porque seria desenvolvido pelos próprios autores/actores da Memória. Acreditavam que a História era *marcante*. E que o património de valor local e regional poderia aceder a outros patamares de reconhecimento.

Nesse encontro fundador com a sociedade faialense intuiu-se que o empenho colectivo acompanharia o projecto e seria decisivo para cumprir o desígnio de comandar o *sonho*.

Entrava-se numa das mais icónicas situações que a AAALH atravessou. Sempre com o Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos, que quis esta parceria, em linha com os projectos com causas da tradição da AAALH.

O objectivo foi cumprido. O museu vai no bom caminho.

Mas o *sonho* que o trouxe, afinal deixou muitas rugas. Ao longo destes 15 anos. 30 antigos cabotelegrafistas, pelo mundo, deixaram-nos sem verem as suas memórias no desejado museu.

A HISTÓRIA E O PATRIMÓNIO



Os sinais e as referências formais estão alcançados. O museu do cabo submarino do Faial entrou no bom caminho. Em 6/4/2022 (publicação em Diário da República da abertura do concurso público) e em 2/11/22 (assinatura do contrato para o projecto de execução entre o Governo dos Açores e o consórcio empresarial vencedor).

No plano do contributo cívico, o Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos intimamente apoiado pela AAALH, conseguiu recuperar, mobilizar e *construir* a História possível daquele tempo e daquela circunstância. Dando futuro ao passado do tempo do cabo submarino telegráfico nas Estações da Horta, o Grupo *deduziu* Património. Que aguarda ainda mais reconhecimento.

Confiar nos rastros desta *enorme campanha* será sinal de lucidez institucional e de visão histórica apurada. Principalmente, não desviar o olhar de tudo o que JOHN ROSS juntou – reflexões, pesquisas, trabalhos com soluções, ensinamentos, projecção internacional e... SONHO!... feito de memórias, paixão e competência! Se assim vier a acontecer o *nosso museu* certamente terá lugar assegurado entre os maiores palcos da museologia dos tempos do cabo submarino pelo mundo.

E agora? O que falta fazer?... O que sempre acontece neste tipo de movimentos de mobilização cívica! Alcançado o plano da concretização *objectiva* remetida ao responsável pela *causa*, neste caso, o Governo dos Açores, ainda assim, não podem ser esquecidas as impertinentes inércias que sempre espreitam. Estruturais ou de circunstância. Ou até, por vezes, as mais difíceis, das pessoas em situação. O caminho é continuar até acordar do sonho!... exercendo a legítima vigilância cívica!

MEMÓRIAS

FERNANDO MORISSON, O ÚLTIMO EX-CABOGRAFISTA NO FAIAL



Fernando Labath Morisson de Oliveira – Antigo Aluno, 1944.

Quando é apresentado o último livro sobre a actividade do *Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos*, rumo ao museu, faz todo o sentido evocar Fernando Morisson. Consta ter sido dos mais novos a *entrar para as companhias* (aos 15 anos) e o último a *partir* (15/3/2024).

A vida de Fernando Morisson abrigou muitas alegrias e grande realização nos dois domínios aqui documentados – a profissão de cabotelegrafista (na companhia inglesa, Eastern Telegraph Company, depois Cable & Wireless Company). Desde a primeira hora foi um membro muito activo do *Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos*. Recorda-se o momento *pioneiro* em que interrompeu uma reunião na *Waldorf* apontando a indicar a Trinity House como o local a considerar para o futuro museu do Cabo Submarino. A sua ideia progrediu. E acabou bem sucedida.

A foto anexa cedida por John Ross, dá-nos um momento de grande recordação para Fernando Morisson (pedimos ao *João Inglês* que a legendasse).



The image shows the equipment that was used when the station opened around 1900. Katja Neves is using a hand perforator after instructions from Morisson. Despite advanced technology being introduced in the 20th century Morisson was an expert in the use of this instrument adapting its use for editing messages sent over the most modern equipments used in the South American chain.

In the image Fernando Morisson is seen reading messages written in ink in cable code on a Long Distance Recorder (LDR). In the early days of submarine cable telegraphy, messages from the UK would have arrived in Faial, been read from the LDR, transcribed, punched into perforated tape which was then inserted into a transmitter for onward transmission via another cable in the telecommunication chain towards its ultimate destination.

As an additional titbit of information the hand perforator was commonly called a “stick perf” and the “sticks” used to operate the device can be seen in Katja’s hands. Fernando had in his home, as a souvenir of his career in Eastern Telegraph Company, an original pair of sticks of which he was justifiably, even passionately, very proud.



Fernando Morisson foi um bom desportista em toda a acepção da palavra.

A foto documenta um dos seus grandes momentos de glória, como capitão da seleção do Faial que venceu o torneio dos Açores em Basquetebol (contra as seleções de S. Miguel e da Terceira – 1959). (FM em baixo, ao centro, com o troféu conquistado).

UMA VIDA CHEIA NUM PERCURSO NOTÁVEL



José Victor Frayão Alves – Antigo Aluno, 1945.

Cursou a Escola do Magistério Primário da Horta (1953-55). Grande dinamizador dos encontros da preservação das memórias desses tempos. Tinha um profundo respeito pela memória das circunstâncias de vida. Por isso, a enorme colecção de recordações que preservou são um autêntico *museu*!

Sabe-se que apareceu numa AG do Clube Naval com uma pasta a abarrotar. Informou serem materiais para demonstrar a urgência de ser publicada a História do Clube. Deu o seu contributo cívico a um grande número de instituições. Só conseguiremos fazer uma breve escolha das mais intensas. Enquanto foi Professor, o binómio escola-comunidade prendeu o seu entusiasmo e o seu empenho. Da experiência de Ponta Delgada da Ilha das Flores citava o profundo isolamento dizendo que ir a Santa Cruz só na lancha do Sr. Gregório. Não havia estrada. Deixou saudades, de tal maneira que essa figura austera da época (o director escolar) *teve* de enaltecer o seu trabalho em expressiva e rara mensagem de elogio (escrita).

Por outro caminho vem a dedicação ao seu clube do *coração*. Chegou a Presidente do Sporting Clube da Horta. Onde *trabalhou* muito. De desportista a *carola* a ajudar o clube. No desporto subiu alto, escolhido para Delegado no Faial da Direcção Geral respectiva. E foi brilhante. Numa chamada à sua honestidade o genuíno *Alagoa* enaltece o valor do *trabalho* de um grupo de jovens do Faial e do Pico que, em Lisboa, em provas de atletismo, no Estádio Nacional, fizeram figura grande. Até *derrubando* recordes. A terceira escolha, só poderia ser o seu amor pela Vela, a partir da grande experiência no saudoso Centro de Vela da Mocidade Portuguesa. Levou-o depois de Abril de 1974, a receber o encargo da transição para a *Escola de Vela* e para a paixão que dedicou a todos os programas do Clube Naval (até 1.º Presidente do Júri da Atlantis Cup). A nota de pesar da AG pela sua morte (31/12/23) é um *hino* a este *Senhor da Vela*, de grande velejador a *expert*, de mobilizador a dirigente, de referência (*o patrão Alves*) a vulto respeitado junto de instâncias nacionais. Sentimos de perto a feliz síntese do *Tribuna das Ilhas: Cidadão empenhado, dinâmico, íntegro e com um profundo sentido de serviço à comunidade*.



José Victor Frayão Alves

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE PE. JÚLIO DA ROSA



Os 100 anos do nascimento do Padre Júlio da Rosa [Monsenhor Júlio da Rosa, desde 2006] foram assinalados no final do passado mês de maio, na cidade da Horta, com uma sessão evocativa levada a cabo pela Fundação MATER DEI, instituição criada em 1997 por aquele sacerdote, intelectual e homem de causas e da cultura, à qual cabe a preservação, organização e valorização do património e espólio pessoal do seu instituidor.

No âmbito da referida sessão destacou-se a conferência proferida pela Professora Doutora Susana Goulart Costa – docente associada da Universidade dos Açores e Coordenadora do projeto de investigação DIO-500 / História Religiosa dos Açores, que tem por missão assinalar aprofundadamente, dentro de uma década, os 500 anos da criação da Diocese de Angra –, palestra pela qual, sob o título “Clero vs Clero: Ecos da Religiosidade Açoriana no Século XX”, foi dada a conhecer a importância destacada do Padre Júlio, de entre um número muito reduzido de sacerdotes católicos, na afirmação de ares de mudança e de ‘abertura’ da Igreja aos problemas e realidades da vida social e do pensamento intelectual açoriano.

Integrada neste evento foram também abertas a visitas, pela primeira vez, as instalações da Fundação MATER DEI, localizadas a dois passos da Igreja das Angústias, no início da Estrada Príncipe Alberto de Mónaco, em edifício que desde aquela altura passou a ostentar placa identificadora de “Casa Monsenhor Júlio da Rosa” e onde, previsivelmente, a partir de novembro de 2025, poderá ser apreciada uma pequena mostra museológica – incluindo arte sacra, faianças e mobiliário diverso –, e uma vasta coleção bibliográfica, especialmente centrada nas temáticas da historiografia local e regional e da religiosidade em geral.

O Padre Júlio da Rosa, recorde-se, nasceu a 24 de maio de 1924, na freguesia dos Flamengos, no seio de uma família originária da Praia do Norte (localidade onde, aliás, viveu entre os 1 e 14 anos de idade), tendo falecido nas Angústias – onde parou por mais de 60 anos – a 13 de novembro de 2015.

Fundação Mater Dei | 2024.09.22

RECORDANDO...



Era uma marca memorial de evocação *obrigatória*.

Mesmo que a uma ampla distância do dia certo. A Memória do Padre Júlio da Rosa no Faial e mais além, merecia ser aprofundada, historicamente interpretada. Na sua feição institucional, *nos limites do que ele podia dizer* e nas *diferenças* que escolheu para acompanhar os sinais dos tempos.

Julgamos ter encontrado a melhor ideia para iniciar essa *obrigação*. Quem melhor do que a Fundação MATER DEI teria as credenciais certas para esse efeito? Deu-nos a expressão do seu pensamento na forma como assinalou o centenário num registo de *tempo de passagem*. Foi com grande apreço que acolhemos a Nota que a Fundação nos confiou.

Mas, a AAALH entende também dar nota de alguns vínculos do seu percurso de memórias com o Padre Júlio da Rosa e com o Monsenhor a que este acedeu. Da vida comum e do historiador fecundo e apaixonado pela sua terra. Por quem foi seu aluno no Liceu. Por quem o conheceu no grande leque de pesquisas historiográficas. E de projectos sociais. E por quem, por isso tudo, se deslumbrou com algumas ideias grandes, porque vindas de autor realmente Culto. Recordamos alguns laivos de então. Como director do Museu da Horta, o primeiro, salvou o *coração* do património do tempo do cabo submarino, sabendo dar o devido valor histórico ao que outros remeteram para um *sucateiro*! (homenageámo-lo por isso em 30/7/2011). Quando no Clube Naval da Horta apresentou a obra de Yolanda Corsépius “*Nas rotas de um bisavô*”, *sentenciou* que o museu do Porto da Horta já lá estava, *in situ*, nas memórias das suas estruturas e dos seus tempos. Deslumbrou ainda nas várias vezes que se referiu ao maior desafio museológico do Faial... assumir o Museu do Atlântico!



Padre Júlio da Rosa

CONTINUANDO A DESCOBRIR FLORÊNCIO TERRA...



Cecília Maria de Freitas Terra Nunes

Bisneta de Florêncio Terra. Autora do Prefácio da obra *Gente Simples*. Antiga Aluna, 1971-1977. Licenciada em História (Univ. Lx). Ocupou todas as missões do Estatuto do Professor. Coordenou unidades de índole pedagógica. Integrou pesquisas ligadas à Fundação Gulbenkian e à U. Açores. É autora das primeiras provas de aferição em Português (2.º ciclo) nos Açores.



20 de Agosto. Uma homenagem bem sucedida. A sociedade acrescentou-lhe sentido. Acorrendo. Em apreço estava uma figura notável, bem conhecida da cultura faialense. E expressão de um tempo também *especial* da história dessa Cultura, a 2.ª metade do século XIX. Decorreu num conjunto louvável de convergências. As institucionais e

o investimento intenso e eficaz da família. Da CMH e mercê da edição de uma colectânea de textos de Florêncio Terra foi despertada a memória antiga da boa prática de um então Centro de Estudos para descoberta e projecção de figuras da Cultura Faialense. De aí veio o labor do Historiador Carlos Lobão. Percebendo a importância de organizar este longo percurso de descoberta da produção bibliográfica de Florêncio Terra. Essa descoberta ficou também assinalada, de facto e em projecto, nos momentos seguintes:

– Na importante peça literária com que Cecília Terra Nunes concebeu e traçou o prefácio da obra *Gente Simples* e a sua apresentação. Releva-se o cruzamento difícil da análise das duas memórias biográficas. A do valor cívico. E a do esplendor literário;

– E ainda no feliz acto de cultura entre a família e a Biblioteca João José da Graça. Do lado da família, a doação de um objecto icónico do património afectivo (a foto de Florêncio Terra num quadro de *estimação*). Quanto à Biblioteca, no compromisso assumido. Aquele espaço – a sala dos investigadores – passou a ter um estímulo exigente. O exemplo do seu Patrono.

A notícia completa desta homenagem, da autoria de João Pedro Terra Garcia, bisneto de Florêncio Terra, pode ser lida no site <https://assimcmassim.wordpress.com/2024/09/03/homenagem-a-florencio-jose-terra>

OS REQUIEM'S DA UNIVERSIDADE SÊNIOR

OS GRANDES PROJECTOS

Prossegue a revisão dos designados Grandes Projectos. Essencialmente devido a novos factores que condicionam na formação do elenco associativo a disponibilidade para a coordenação deste tipo de iniciativas.

Quais são, hoje, esses *Grandes Projectos*?

A Horta dos cabos submarinos (*vide* 1.^a página, editorial); o Tempo de Manuel de Arriaga (cont.); O regresso do Jardim e da Quinta do Solar dos Arriaga (ref. Boletim n.º 42), o Prémio Científico Frederico Machado/Instituto OKEANOS (*vide* Boletim n.º 50); a Universidade Sénior da Ilha do Faial (*vide* Nota Informativa sobre Repensar a UniSénior); Biografias (Memória e Identidade, cont.) e Tempo de Passagem (vínculos de heranças históricas/ESMA).

Neste momento está a ser concentrada atenção especial à situação da Universidade Sénior. Após a apresentação de um trabalho de análise e reflexão interna (retomando as recomendações do último Grupo de Coordenação), depois de um tempo de recolha de opiniões, prossegue a revisão da concepção e do funcionamento, em consonância com os contributos das diferentes fases do projecto REPENSAR A UNISÉNIOR.

PRIMÓRDIOS DA UNISÉNIOR

Um movimento preparatório de uma estrutura de sentido próximo de uma Universidade Sénior foi desenvolvido pela AAALH e esteve na base do projecto que veio a dar origem à Universidade Sénior da Ilha do Faial. Procurava-se um modelo compatível com a dinâmica de uma AAA's. Um figurino de actividade regular sobre temáticas convergindo na memória e na identidade. Um Instituto de Memórias. Houve um tempo de reflexão e de ensaios práticos de Demografia Histórica, dirigidos pela Antiga Aluna, Professora da Universidade do Minho, Norberta Amorim (ver *O estudo das nossas raízes*, Boletim n.º 12, 2005). Foram organizadas bases de dados demográficas a partir dos arquivos paroquiais das freguesias do Faial com o apoio da CMH.

O Núcleo do Faial da AAALH apercebendo-se da importância desta pesquisa e da atitude que veio despertar para enfrentar sinais preocupantes de senioridade passiva perceptíveis na sociedade faialense, ocupou um espaço essencial de curiosidade que veio colmatar o atraso na criação de uma Universidade Sénior no Faial. Organizou uma proposta à AG da AAALH (15/4/2008), onde foi criada a UniSénior e aprovados os respectivos estatutos. Nos dois casos notam-se afastamentos dos termos conhecidos para as universidades seniores (ref. RUTIS) ou do modelo social assumido por entidades públicas.

FUNDAMENTOS DA UNISÉNIOR EM 2008

A preparação da UniSénior mereceu uma longa reflexão durante quase um ano. No estudo de experiências semelhantes. Na avaliação dos limites da autonomia do Faial para uma oferta de qualidade. Na verificação da adesão da sociedade.

Confirmaram-se importantes indícios de uma nova cultura sobre a pessoa idosa, decorrente do extraordinário adquirido do aumento da esperança de vida. O idoso contemporâneo quer prolongar a sua participação social. Tenta ultrapassar a solidão, a apatia e o afastamento. Deseja estimular a energia remanescente, cognitiva e relacional. Pretende reanimar motivações *adormecidas*. Aceita integrar conhecimento novo, assumindo o desígnio de um *envelhecimento activo*.

Com estes fundamentos, os Estatutos da UniSénior estabelecem o seu objecto como *uma resposta social às circunstâncias do envelhecimento humano, visando contribuir para a valorização da pessoa idosa, através de estudos e de novas aprendizagens que prolonguem o sentido pró-activo da vida, bem como, oportunidades de sociabilidade e solidariedade*.

HISTÓRICO

Ao longo da colecção do Boletim da AAALH (www.aaalhorta.pt), a partir do n.º 18 de 2008 (editorial) pode ser recordada a *fito do tempo* do percurso da UniSénior.

Dos pressupostos, da sessão fundadora (Amor da Pátria, 13/9/2008), passando pelo regime de instalação (2008-2011), pelos sucessivos mandatos anuais (2011-2017). Os principais destaques, os elencos curriculares, o corpo docente, a actividade das diferentes oficinas (Teatro, Pintura, Órfeão, Chamarrita, Tuna, Costura, ...) poderão também aí ser encontrados.

Após o último mandato *normal* (2016- 2017) o impasse para eleger novo Conselho de Gestão em *Assembleia Magna* foi maior do que os anteriores. Finalmente ultrapassado em reunião pública, daí *saiu* informalmente um conjunto de voluntárias (6) que assumiram uma gestão excepcional. Após sucessivas demissões, as últimas *resistentes* (3), no momento da renúncia *aconselharam* a interrupção da UniSénior *para ser reinventada*.

A PROPÓSITO DA INTERRUPÇÃO

Há 4 anos a UniSénior deixou de funcionar nos seus limites originais – estatutários e de entendimentos tácitos (2008-2017).

Duas ordens de razões determinaram esta situação:

* O vazio provocado pela demissão dos últimos elementos do Grupo de Coordenação (Tribuna das Ilhas de 18/9/2020).

* Aceite a proposta de interrupção da UniSénior, não foi designado novo órgão de gestão, mas tomadas as medidas seguintes:

a) Criação de um projecto de renovação – REPENSAR A UNISÉNIOR – convidada para o coordenar Alzira Silva (ex-Presidente do Conselho de Gestão da UniSénior, em 2012/2013) incumbida preferencialmente do novo projecto.

Nota – Não havendo condições para organizar o habitual processo eleitoral (como era desejo da convidada) foi pedida a opinião do Grupo que terminava funções. Por unanimidade manifestou a sua concordância com a escolha de Alzira Silva.

b) A título excepcional para evitar uma interrupção abrupta foram consideradas *iniciativas pontuais* desde que solicitadas por grupos de interessados.

Neste tempo de interrupção têm existido exemplos de funcionamento de algumas actividades sempre com regime de acompanhamento.

Conforme já anunciado esta orientação será mantida e considerada de acordo com a evolução do projecto REPENSAR A UNISÉNIOR.

ENVELHECIMENTO ACTIVO

Entende-se ser exigência para quem pretenda criar, acompanhar ou repensar uma Universidade Sénior saber que esta não cabe num modelo único. De qualquer tipo. Conceptual ou organizativo. Também merece suspeição a opção por deduções *fáceis* sem o rigor que controla o primado da subjectividade. Primeiro, porque o processo de envelhecimento e a sua expressão *prática*, a velhice, exprime sempre singularidades. Depois, porque os dois envelhecimentos – o biológico e o cultural – são entidades autónomas. E porque tudo isto acontece em quadros sociais próprios e cada vez mais mutáveis o confronto com as respostas institucionais deve passar por uma grande atenção aos dois *maiores* paradigmas que definem uma Universidade Sénior – por um lado, o Sénior e a sua circunstância; por outro, os estímulos ao *seu* envelhecimento activo. Esta opção de viver é cada vez mais um *acto de cultura*, ou seja, uma responsabilidade do próprio Sénior. Na escolha das *suas* actividades, do grupo, dos equilíbrios que vai descobrindo e sabendo, também cada vez mais, como preservá-los.

E a AAALH volta a ser confrontada com tempos de *requiem*. À porta de voltar a ser motor de um processo que não lhe cabe inteiramente. E a ter de resolver se ainda tem sentido regressar aos PRIMÓRDIOS, mobilizada para a *Memória e a Identidade* e garantindo, de novo, o autogoverno pelos seniores, em liberdade de pensamento e autonomia de motivações.